

## DISLEXIA, REFLEXÃO A PARTIR DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

**LEMOS**, Lucas Schumacher. UFG/CAJ  
lucasschumacher.pedagogia@hotmail.com  
**BENETI**, Hercilia Maria Fayão. UFG/CAJ  
[benetieduca@bol.com.br](mailto:benetieduca@bol.com.br)

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a dislexia, distúrbio neurológico, que afeta muitas crianças na aprendizagem da linguagem escrita, tendo em vista principalmente as práticas pedagógicas do professor e do aluno disléxico. Com as políticas de inclusão, os alunos com NEE estão frequentando as escolas regulares, com isso acredita-se na importância da formação do professor que se encerra em projetos de ação e de transformação. Nesse contexto, o professor deve ser estudioso, reflexivo e um constante pesquisador de sua prática. O presente estudo é de cunho bibliográfico, e sua origem foi motivada a partir das discussões ocorridas na disciplina alfabetização para diversidade. Por meio dos estudos, evidenciou-se a importância do papel docente, como agente mediador nos processos de amenização das dificuldades postas pela dislexia sobre o aluno disléxico. Não bastando considerar apenas o professor como agente amenizador, mostra também a importância da contribuição dos pais e do próprio aluno, na medida em que o mesmo aceite suas condições, e aos poucos aprenda a respeitar os seus limites, buscando superar os obstáculos. Contudo é preciso que os pais juntamente com os professores trabalhem em grupos para auxiliar a criança disléxica, assim será possível que o mesmo se desenvolva com mais motivação. Deste modo, o presente trabalho vem contribuir com as reflexões a cerca dos distúrbios de aprendizagem, suas causas, limitações e possíveis ações docentes que podem facilitar o processo de aprendizagem, e amenizar os limites postos pela dislexia, além de discutir a formação docente para atuar no contexto escolar, sabendo lidar com a diversidade.

**Palavras chave:** dislexia, práticas pedagógicas, formação de professor.

**GT.9** Didática, práticas de ensino e estágio no curso de pedagogia.

### INTRODUÇÃO

O ensino aprendizagem tem sido alvo de investigações, nos diversos espaços da pesquisa acadêmica. Entender como a criança com necessidades especiais se desenvolve é um desafio para a escola atual, uma vez que os transtornos de aprendizagem e as deficiências constituem um grupo bastante heterogêneo, com particularidades evidentes, que se repercutem na formação e prática pedagógica do professor. A cada dia, os pesquisadores contribuem com conceitos e conhecimentos renovados que auxiliam a resolução das dificuldades que se observam na aprendizagem, surgindo, assim, a necessidade da escola preparar-se para compreender características que, até então, foram ignoradas.

Nesse contexto, o professor precisa ter consciência de que o seu processo de formação deve ser contínuo e, na medida em que vai refletindo sua própria prática, ele busque meios para adquirir novos conhecimentos que o auxiliem a lidar com as diversas situações em sala de aula. Receber alunos com NEE (Necessidades Educacionais Especiais) nas escolas regulares, ao contrário do que muita gente pensa, não se esgota na promoção da socialização e nem na “superação” dos distúrbios neurológicos e ou deficiências para que o aluno aprenda como os demais “normais”, mas implica-se em encontrar caminhos pedagógicos para alcançar a aprendizagem na diversidade.

Desse modo, o presente trabalho visa contribuir com a formação dos professores discutindo sobre a dislexia, um transtorno que compromete principalmente o desenvolvimento das habilidades de leitura, na perspectiva de aprofundar os saberes sobre o assunto e compreender até que ponto esse transtorno pode ou não influenciar no desenvolvimento da aprendizagem, pensando em práticas pedagógicas que auxiliem na avaliação dos progressos e tropeços do aluno disléxico e as necessidades de mudanças de estratégias para a sua aprendizagem.

#### **O QUE VEM A SER A DISLEXIA.**

Antes de se chegar ao diagnóstico e poder afirmar concretamente as causas, características e as limitações de uma pessoa com dislexia, é preciso entender o que vem a ser a dislexia. Segundo ROTTA e PEDROSO (2006), desde 1896 a dislexia já vem sendo analisada, sendo concebida, nessa época, como uma “cegueira verbal”, por Morgan, após o caso de um jovem que apresentava sérias dificuldades para ler, mas que

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

era cognitivamente capaz. Em 1907, Stevenson, ainda mantendo a mesma nomeação para o distúrbio, atribui o caso à questões genéticas ao evidenciar seis casos em uma mesma família.

As pesquisas continuaram e em 1995, segundo ROTTA e PEDROSO (2006), o manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV “caracteriza a dislexia como comprometimento acentuado das habilidades de reconhecimento das palavras e da compreensão da leitura” (p.159). Após cinco anos, Giacheti e Capellini (*apud* ROTTA e PEDROSO, 2006) afirmaram em seus estudos que a dislexia seria um distúrbio neurológico que acometia crianças com potencial intelectual normal, era de origem congênita e que dificultava o desempenho satisfatório da leitura e/ou escrita. Na leitura oral, o disléxico poderia omitir palavras, distorcê-las e substituí-las por outras, além de ler de forma lenta e vacilante. Nesse distúrbio, a compreensão do texto também seria afetada.

No mesmo ano, 2000, Nico e seus colaboradores, citados pelos mesmos autores, alegaram que a dislexia se manifestaria de forma mais evidente entre 6 e 7 anos, momento escolar, no qual, apesar das crianças apresentarem inteligência até acima do normal, poderiam apresentar dificuldades na leitura e escrita, na soletração e nos cálculos. As deficiências no processo fonológico, quando apresentadas, seriam notadas desde o jardim da infância. Em algumas famílias, a dislexia poderia ser transmitida de forma dominante, influenciada pelo sexo. Todos os indivíduos do sexo masculino que herdassem o gene ou os genes para a dislexia desenvolveriam o transtorno ROTTA e PEDROSO, (2006). As questões sobre a hereditariedade da dislexia são polêmicas.

No mesmo sentido IANNHEZ; NICO (2002) citado por RICHART e BOZZO (2009) afirma que a dislexia configura-se como obstáculo para o desenvolvimento da leitura, escrita e soletração e que ela não deveria ser considerada como doença, mas entendida como um distúrbio. Deste modo, os autores reafirmam que o aluno com dislexia enfrenta dificuldades na dominação da linguagem, sendo independente de fatores ligados a intelectualidade, além de ser considerado um distúrbio hereditário.

As evidências atuais, dizem ROTTA e PEDROSO (2006) demonstram que a dislexia é familiar e que cerca de 40 a 40% dos parentes do primeiro grau são afetados. O distúrbio estaria ligado ao cromossomo 15 ou 6 e 7 em outras famílias. Para Grigorenko, citado pelos autores, na mesma obra, o cromossomo 6p participava de diferentes processos cognitivos relacionados a dislexia. O mesmo pesquisador e outros,

#### **IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011**

posteriormente observaram que outros cromossomos poderiam também estar envolvidos, mostrando assim uma situação ainda não resolvida.

Ao contrário do que inicialmente alguns estudiosos acreditavam que as dificuldades referentes à escrita, leitura e soletração poderiam estar associadas a problemas visuais (o que também é possível de ocorrer), os estudos foram avançando na perspectiva de se chegar a conclusões concretas, detectando que a dislexia estava ligada a alterações neurológicas. Segundo a ABD (Associação Brasileira de Dislexia) considera-se a dislexia como distúrbio ou transtorno de aprendizagem que compromete a leitura, escrita e soletração, caracterizada pela condição hereditária devida a alterações genéticas manifestadas por meio das alterações padrão neurológicas.

A presidente da AND (Associação Nacional de Dislexia) relata na revista Nova Escola (2010), que a dislexia não é manifestada por problemas atribuídos a transtornos intelectuais, deficiência auditiva, visual e afetivos emocionais, reafirmando assim os estudos acima colocados.

#### **DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE UM ALUNO DISLEXO**

Para a Associação Brasileira de Dislexia, os professores e pais podem e devem estar alertas para alguns sinais, que ainda não podem ser tratados como diagnóstico final de dislexia, mas podem ser identificados durante a pré-escola, como: dificuldades de concentração, de realizar tarefas de organização como quebra-cabeça, baixo desenvolvimento da coordenação motora, desinteresse por livros e materiais escritos, pouco rendimento no desenvolvimento da fala e dificuldades em tarefas como aprender rimas. Já na no período de idade escolar, as dificuldades com aquisição da escrita, rimas e coordenação motora acompanham a criança, surgindo novas manifestações como: falta de atenção, dificuldades em transcrever escritas, sejam da lousa ou de livros; confusão na hora de definir esquerda e direita; pouca memória de curto prazo manifestadas em recados, instruções; dificuldade em cumprir prazos para a entrega de trabalho; sintomas como depressão, timidez em excesso, ou descontraído demais; dificuldades com matemática, mapas e desenhos geométricos e pouca habilidade com decoração de seqüências.

ROTTA e PEDROSO (2006) ao referirem-se sobre as dificuldades de crianças com dislexia revelam que as primeiras manifestações podem ser notadas no momento em que elas escrevem ou lêem, sendo comum característica como: leitura sem ritmo,

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

escrita confusa e de difícil compreensão, confusão com a orientação espacial das letras, confusão fonológica, aumento ou redução de sílabas ou letras em palavras, fragmentação das palavras, dificuldades de compreender o a idéia transmitida por um texto, inversão parcial ou total das palavras ou sílabas e troca de palavras com estrutura semelhante. Segundo os autores citados, observam-se também nos disléxicos alterações na lateralidade, noções de esquemas corporal comprometidas, sendo necessário pesquisar, por meio de exames neurológicos evolutivos, todas as funções corticais superiores, como a memória, atenção e outras.

Até o momento, estudos comprovam que há uma variação nos aspectos da dislexia, podendo dividi-los em grupos. A partir de características distintas, de acordo com MOOJEM e FRANÇA (2006) a dislexia pode ser caracterizada em três tipos: dislexia fonológica, dislexia lexical e dislexia mista. Para maiores esclarecimentos temos as informações a seguir:

DISLEXIA FONOLÓGICA	DISLEXIA LEXICAL	DISLEXIA MISTA
<ul style="list-style-type: none"><li>* Dificuldades na execução do percurso fonológico durante a leitura.</li><li>* Problemas na junção fonema- grafema.</li><li>* Dificuldade para ler palavras desconhecidas, ou pseudopalavras.</li><li>* Comprometimento de atividades que envolvem memória e consciência fonológica.</li><li>* Repetição sonora para manter informação sem que haja perda, o que acarreta na dificuldade de compreensão do que foi lido.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>* Dificuldade no percurso lexical.</li><li>* Dificuldades de leitura por prender-se a rota fonológica, leitura lenta e erro constante das palavras.</li><li>* Erros considerados habituais ao ler rapidamente; silabação, repetição, retificação, trocas lexicais e posicionamento do acento em local indevido na palavra.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>* Considerada como situação mais grave no quadro do diagnóstico de disléxico.</li><li>* Comprometimento do percurso lexical e fonológico.</li></ul>

#### **IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011**

ROTTA e PEDROSO, (2006) discutem a dislexia disfonética, a diseidética e a mista. Na disfonética a criança apresenta dificuldades em ler palavras desconhecidas, tenta adivinhar palavras ou parte delas, comete erros de inversão, omissões, ou agregações de sílabas ou palavras. Na dislexia diseidética, a criança lê de forma muito lenta e manifesta dificuldades de ler globalmente; a escrita é pobre e tem muitos erros de inversões e falhas na acentuação. Na dislexia mista associa-se as duas formas anteriores em diferentes combinações e intensidades.

O diagnóstico é clínico neurológico, psicopedagógico, fonoaudiológico tendo que, muitas vezes lança mão e outros exames complementares.

A dislexia ainda pode ser caracterizada como dislexia adquirida, como coloca MENESES (2007) devido à causa de um traumatismo ou lesão cerebral, assim, uma pessoa alfabetizada que conseguia ler e escrever fluentemente, após a lesão perde essas habilidades de acordo com a dimensão cerebral afetada pelo evento que afetou o cérebro. A avaliação neurológica da criança disléxica inicia sempre quando a família se queixa das dificuldades manifestadas pelo filho na alfabetização. Nos casos mais leves a criança chega até a terceira série quando os conhecimentos abstratos se acentuam e as dificuldades vão além das consideradas variantes da normalidade.

O tratamento, segundo ROTTA e PEDROSO (2006) está centrado na reeducação da linguagem escrita, abordando os aspectos envolvidos. Tanto o diagnóstico como o tratamento precisa ter características multidisciplinares e interdisciplinares.

Partindo dos conhecimentos acima, pode-se inferir que o aluno disléxico precisa de professores competentes que entendam o que ocorre com ele, para que supere as suas limitações evitando frustrações. A dislexia pode melhorar com a idade, por isso é importante o tratamento precoce e específico.

#### **PRÁTICA DOCENTE E A SUPERAÇÃO DAS LIMITAÇÕES POSTAS PELA DISLEXIA.**

Na maior parte dos casos a dislexia é identificada no período escolar e uma das primeiras manifestações é a frustração da criança por se achar incapaz de acompanhar os colegas no desenvolvimento das atividades. Até então, estudos revelam que a

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

dislexia não tem cura, mas pode ser amenizada por meio de algumas práticas com auxílios de mediadores. SOUZA (2008) coloca que as limitações postas pela dislexia podem ser amenizadas em até 80% com o auxílio docente, incentivador da autoprodução e organização, acompanhado por outros especialistas após o diagnóstico médico.

A formação docente não pode se resumir a quatro anos de graduação, e é preciso que o professor tenha consciência da necessidade da formação continuada. Com a falta de especialistas ou conscientização dos transtornos cerebrais, ainda é visto em algumas salas a prática excludente de alunos com NEE. Para que o professor seja capaz de trabalhar com alunos especiais, é preciso que o mesmo tenha conhecimento das especificidades de cada criança que frequenta a sala de aula regida por ele, para que não cometa erros como o de caracterização de alunos sem ter o conhecimento prévio de suas dificuldades. A partir dos diagnósticos e das políticas de inclusão torna-se cada vez mais constante nas escolas públicas e privadas a presença de alunos com NEE. Ao receber esses alunos nas salas regulares os professores precisam fazer uma reflexão de sua prática pedagógica, além de repensar e adaptar os conjuntos de atividades de acordo com as diversidades, para que toda a sala esteja integrada.

Nos estudos de NASCIMENTO, QUEIROZ e ASFORA (2008) demonstram dados coletados por meio de observação sobre o trabalho em sala de aula com alunos disléxicos. Cabe ao professor proporcionar atividades em duplas, direcionadas e sistematizadas, para que a aluna com dislexia não sinta excluída, porém é necessário considerar que além do trabalho de grupo é preciso que o aluno disléxico consiga aos poucos superar as suas limitações, afirmando sua auto-independência. As atividades individuais não proporcionam à criança um tipo visível de desenvolvimento da aprendizagem eficaz, porque nessas atividades ela apenas acompanha o que os colegas estão fazendo.

Segundo normas elaboradas com base em ARTIGAS (1999) e SCHAWYTZ (2006) citados por ROTTA e PEDROSO, (2006) recomenda-se ao professor um trabalho baseado em atitudes como: dar atenção e encorajar o aluno disléxico em caso de dúvidas, comprovar se o material de leitura oferecido a ele é apropriado ao seu nível de leitor; evitar que esse aluno leia em público; aceitar que ele possa se distrair com facilidade pois a leitura para ele exige esforço; nunca ridicularizá-lo, destacando sempre os seus aspectos positivos. Quanto a uma proposta de ação pedagógica, o professor deve ensinar resumos e anotações de conteúdos e explicações; possibilitar o uso de

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

calculadora e de gravador; uso de materiais que permitem visualizações como figuras, gráficos, ilustrações; e diminuir o número de deveres de casa que envolvem a leitura e a escrita.

Segundo MORAIS (1959) as pesquisas referentes aos distúrbios de aprendizagem e métodos de ensino, apontam como melhor resultado os métodos analítico-sintéticos, por proporcionar ao educando disléxico identificar a palavra e a compreensão de seu significado. Dentre os diversos métodos, metodologias e estratégias existentes, é preciso que o professor acompanhe o seu aluno com os recursos que sejam mais favoráveis ao seu desenvolvimento, já que a dislexia é subdividida em tipos. Sendo assim o trabalho docente deve ser baseado na teoria e na reflexão constante de sua prática.

Outra discussão que tem permeado os campos da educação são as formas de avaliação. Nos contextos das escolas regulares o tema já é polêmico, o que implica uma reflexão mais ampla ao discutir a avaliação de um aluno com dislexia. Tendo em vista todas as especificidades da dislexia apresentadas neste texto, percebe-se que é impossível avaliar um aluno com dislexia da mesma forma que um aluno regular. Sabendo que o mesmo possui dificuldades ortográficas, de leitura e de compreensão. ALCARÁS (2008) coloca que tanto o professor como o aluno precisam ter conhecimentos das limitações que são previstas e amparadas por lei, contudo pode-se desenvolver outras formas de avaliar, mas sempre atribuindo uma avaliação formativa que leve em consideração o crescimento desse aluno, incentivando a construção de esquemas e tempo de estudo. Ao processo de avaliação também é atribuído um fator muito importante – o professor como investigador da própria avaliação do aluno, procurando descobrir indícios que o levaram ao erro e ajudá-lo a compreender porque errou. De acordo com MENESES (2007) é preciso que o professor faça avaliação do aluno para posteriormente intervir na perspectiva de auxiliá-lo no desenvolvimento da aprendizagem.

Ao pensar as práticas educacionais para amenizar as dificuldades de aprendizagem de alunos com dislexia, dá-se a impressão que toda a responsabilidade cabe ao professor, porém, também é preciso considerar a família como agente de superação dessas dificuldades já que ela é considerada o pilar da formação humana. ALCARÁS (2008) destaca algumas práticas que podem ser atribuídas como atividades em casa para que o processo de desenvolvimento da aprendizagem possa ser satisfatório. As atividades de organização podem ser fundamentais tais como:



#### **IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011**

organização dos materiais escolares com antecedência para que a criança não esqueça nada; desenvolver atividades de escrita e leitura em cartazes, bilhetes que levem a ajudar a memorização; trabalho com cores sinalizando alguns trabalhos a serem realizados; desafios com números para identificação, seguir horários e outros.

Ainda outros fatores podem favorecer o desenvolvimento do disléxico, como os bons hábitos alimentares e de descanso, ocasionando alto estima e disposição; o auxílio na hora de fazer as tarefas escolares, não no sentido de fazer, mas de motivá-lo; proporcionar momentos de estudo em grupo com amigos, disponibilizando materiais didáticos e paradidáticos que estimulem a leitura, escrita e atenção possibilitando a compreensão.

Para saber superar as limitações postas pela dislexia, a responsabilidade do professor com a sua formação é grande, por que ele se configura como um importante mediador da aprendizagem, principalmente a escolar. Assim essa formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, segundo NÓVOA (1992), que forneça meios de um pensamento autônomo que facilite as dinâmicas de auto formação antecipada. Isso exige “investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e projectos próprio, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional” (p. 25).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

De acordo com todas as reflexões feitas, evidencia-se que a formação docente continuada, o apoio dos pais e aceitação por parte do aluno com NEE, são os primeiros passos para que os distúrbios de aprendizagem causados pela dislexia sejam amenizados por meio práticas educativas. Em todo esse processo o professor desenvolve um papel relevante, pois a ele é atribuído grande parte da responsabilidade de propiciar aos alunos com NEE os meios para que se desenvolvam e superem ao máximo as suas limitações.

Com isso, fica claro a necessidade do professor ter consciência que sua formação é um processo inacabável, de que sua prática precisa ser repensada a todo o momento, na tentativa de atender a todos os alunos com igualdade, sem excluir e ou privilegiar ninguém. A formação “passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico e por uma reflexão crítica sobre a sua utilização” (NÓVOA, 1992).

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

O fazer docente não pode ser considerado apenas como um fazer isolado, mas por um conjunto de práticas e disposições do meio, que darão suporte para que o professor possa repensar e recriar suas práticas. A aprendizagem deve ser significativa para cada aluno, atendendo sempre as suas especificidades, tendo em vista que o aluno deve ter consciência de seu crescimento, de suas limitações, motivando-se a todo instante.

#### REFERÊNCIAS

ALCARÁS; Dorcas Jane. **PRÁTICAS FACILITADORAS NO PROCESSO DE ENSINO DA SEGUNDA LÍNGUA PARA DISLÉXICOS.** Disponível em <<http://www.crda.com.br/tccdoc/35.pdf>> Acessado em; 27 de março de 2011.

MENESES. Maria Alcina Pereira Teixeira. **CURSO DE FORMAÇÃO ESPECIALIZADA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NO DOMÍNIO COGNITIVO E MOTOR.** Disponível em: <[http://www.alunos.dcc.fc.up.pt/~c0107072/dislexia/documentos/projecto\\_final\\_dislexia.pdf](http://www.alunos.dcc.fc.up.pt/~c0107072/dislexia/documentos/projecto_final_dislexia.pdf)> Acessado em 25 de março de 2011.

MOOJEN; Sônia. FRANÇA; Marcio. **DISLEXIA; VISÃO FONOAUDIOLÓGICA E PSICOPEDAGÓGICA.** IN ROTTA, Newra Tellechea; OHOLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtorno da aprendizagem abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Ed 1. Porto Alegre: Artmed, 2006, cap12.

MORAES; António Manuel Pamplona. **DISTÚBIOS DA APRENDIZAGEM: Uma abordagem psicopedagógica.** 7ed, São Paulo: Edicon, 1997. Pag 192.

NASCIMENTO, Priscila Damascena; QUEIROS, Diuslene Carla Duarte; ASFORA, Rafaela. **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO DISLEXO: Um estudo a partir do paradigma da inclusão.** Disponível em; <[http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2009.2/a%20avaliacao%20da%20aprendizagem%20do%20aluno%20dislexico%20um%20estudo%20a%20p.pdf](http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2009.2/a%20avaliacao%20da%20aprendizagem%20do%20aluno%20dislexico%20um%20estudo%20a%20p.pdf)> acessado em; 28 de março de 2011.

NÓVOA, António. (coord.) **Os professores e a sua formação.** Trad. Graça Cunha, Cândida Hespanha, conceição Afonso, José António Sousa Tavares. Publicações Dom Quixote. Instituto de Inovação educacional: Lisboa, 1992.

O QUE É DISLEXIA. **Ciranda da inclusão.** São Paulo, nº 5, p,13. Abril de 2010.

RICHART, Marley Barbosa; BOZZO, Fátima Eliana Frigatto. **Detecção dos sintomas da dislexia e contribuições pedagógicas no aspecto ensino aprendizagem para alunos do ciclo 1 do Ensino Fundamental.** 2009. Disponível em; <<http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/CC36785086850.pdf>> Acesso em 4 de abril 2011.

ROTTA, Newra Tellechea. PEDROSO, Fleming Salvador. **TRANSTORNOS DA LINGUAGEM ESCRITA-DISLEXIA.** IN; ROTTA, Newra Tellechea; OHOLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar Dos Santos. **Transtorno da aprendizagem abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Ed 1. Porto Alegre: Artmed, 2006, cap11.

SOUZA, Elizete Cristina de. **O DISLÉXICO COMO SUJEITO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.** Revista Contrapontos - volume 8 - n.3 - p. 423-432 - Itajaí, set/dez 2008.

